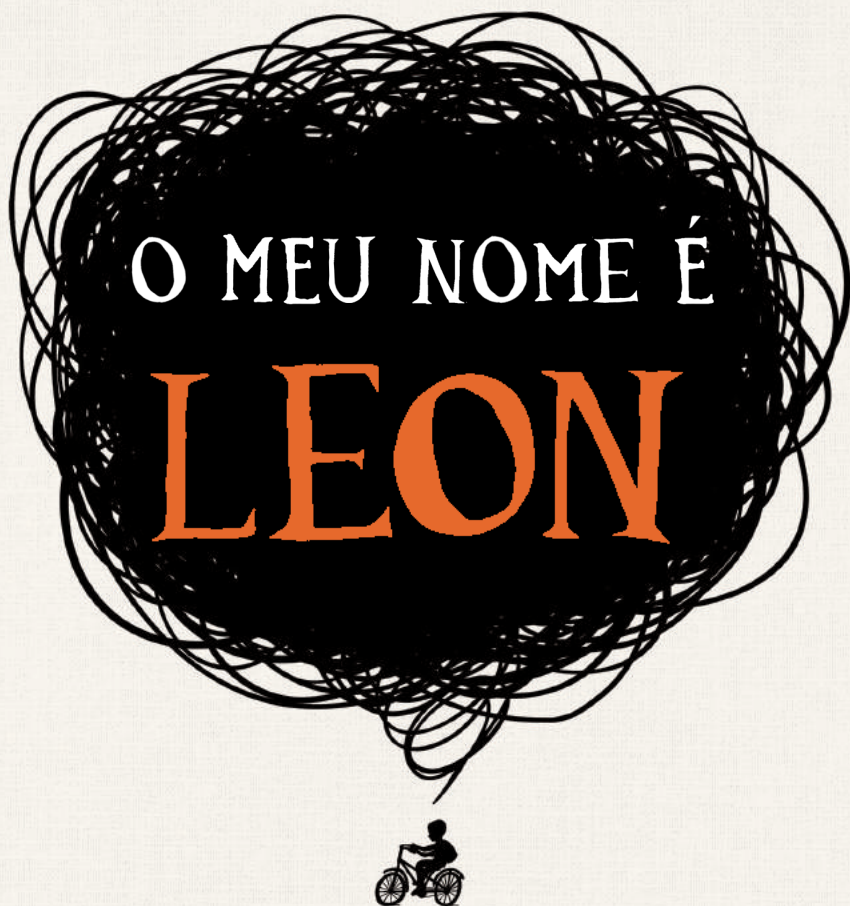


Pode o amor de uma criança juntar
o que os adultos separaram?



KIT DE WAAL

«Inesquecível... Inquietante e positivo.
Obrigatório ler!»

Daily Mail

TOP
SEL
LER

1

2 de abril de 1980

Ninguém precisa de dizer ao Leon que aquele momento é especial. No hospital, tudo parece ter caído no silêncio e desaparecido. A enfermeira diz-lhe para lavar as mãos e sentar-se direito.

— Com cuidado — diz ela. — Ele é muito frágil.

Mas o Leon sabe disso. A enfermeira poussa-lhe o recém-nascido nos braços, de cara virada para ele, e assim ficam, a olhar um para o outro.

— Agora tens um irmãozinho — diz ela. — E vais poder tomar conta dele. Quantos anos tens? Dez?

— Tem quase nove — responde a mãe do Leon, espreitando.
— Oito anos e nove meses. Está quase.

A mãe do Leon conta à Tina o tempo que o bebé demorou a sair, umas horas atrás das outras, e as dores que sentiu.

— Pois — diz a enfermeira, aconchegando a manta do bebé —, és crescidinho para a tua idade. Um homenzinho.

Afaga-lhe a cabeça e passa-lhe o dedo pela bochecha.

— Ele é lindo, não é? Vocês os dois são lindos.

Sorri para o Leon e ele percebe que a enfermeira é simpática e que vai cuidar do bebé quando ele ali não estiver. O bebé tem uns dedos minúsculos, como o Leon nunca viu. Parece um boneco de olhos fechados. Tem cabelo branco muito macio mesmo no cocuruto e uns labiozinhos que estão sempre a abrir e a fechar. Pela manta de renda o Leon começa a sentir-lhe o calor na barriga e nas pernas, e então o bebé começa a contorcer-se.

— Espero que estejas a ter um sonho bonito, bebé — sussurra-lhe o Leon.

Passado algum tempo, o braço começa a doer-lhe e quando já lhe está a doer mesmo muito aparece a enfermeira, que pega no bebé e tenta passá-lo para a mãe do Leon.

— Vai precisar de mamar daqui a pouco — diz-lhe ela.

Mas a mãe do Leon tem a carteira pousada no colo.

— Posso fazer isso daqui a pouco? Desculpe lá, vou só dar um saltinho à sala dos fumadores.

Desce da cama com cuidado, agarrando-se ao braço da Tina, e afasta-se a arrastar os pés.

— Leon, toma conta dele, meu querido — diz ela, afastando-se a manquejar.

O Leon olha para a enfermeira enquanto ela olha para a mãe dele a afastar-se, mas quando a enfermeira se vira para o Leon já está novamente a sorrir.

— Vamos fazer assim — diz ela, pousando o bebé no berço junto à cama. — Ficas aqui a conversar um bocadinho com o teu irmão e contas-lhe tudo sobre ti. Mas quando a tua mamã voltar, ele tem de mamar e tu tens de voltar para casa. Está bem, meu lindo?

O Leon diz que sim com a cabeça.

— Preciso de lavar outra vez as mãos? — pergunta ele, mostrando as palmas das mãos à enfermeira.

— Acho que não. Só precisas de ficar aqui e se ele começar a chorar vais chamar-me, está bem?

— Está.

O Leon faz uma lista na cabeça e começa do princípio.

— O meu nome é Leon e nasci no dia 5 de julho de 1971. Tu nasceste hoje. A escola é fixe, mas é preciso ir para lá quase todos os dias e a professora Sheldon não deixa levar bolas de futebol a sério para o recreio. E bicicletas também não, mas eu também já sou muito alto para a minha. Tenho dois ovos da Páscoa, e um deles tem brinquedos

dentro. Acho que ainda não podes comer chocolate. O melhor programa de televisão é Os 3 Duques, mas também há programas para bebês. Eu já não vejo esses programas. A mamã disse que só podes dormir no meu quarto quando fores mais crescido, quando tiveres uns três anos, disse ela. A mamã arranjou um cestinho de compras com um paninho para tu dormires. Disse que é igual ao cesto do Moisés, mas parece novo. O meu pai tinha um carro sem capota, e uma vez levou-me a dar uma volta. Mas depois vendeu-o.

O Leon não sabe o que dizer sobre o pai do bebé porque nunca o viu, por isso fala-lhe da mãe.

— Podes chamar-lhe Carol se quiseres, quando já souberes falar. Ainda não consegues perceber, mas ela é linda. Toda a gente diz que sim. Eu acho que és um bocadinho parecido com ela. Eu não sou. Eu pareço-me com o meu pai. A mamã diz que ele é de cor, mas o papá diz que é negro, mas eles estão os dois enganados porque o papá é castanho-escuro e eu sou castanho-claro. Eu ensino-te as cores e os números porque eu sou o mais inteligente da minha turma. No princípio tens de usar os dedos.

O Leon toca com cuidado na penugem macia da cabeça do bebé.

— Tu tens cabelo loiro e ela também. Nós os dois temos sobranceiras finas e dedos compridos. Olha.

O Leon levanta a mão. E o bebé abre os olhos. São de um azul-acinzentado com um centro muito negro, que mais parece um grande ponto final. O bebé pestaneja lentamente e faz barulhinhos com a boca que lembram beijinhos.

— Às vezes, ela leva-me para casa da tia Tina, que fica no pátio de cima. Eu consigo ir sozinho até casa da tia, mas se tu também fores tenho de te levar no cestinho.

O bebé só vai saber falar quando for muito mais crescido, por isso o Leon continua.

— Eu não te deixo cair — diz ele. — Sou crescido para a minha idade.

Olha para o bebé que parece lançar-lhe beijinhos, inclina-se para o berço e toca-lhe nos lábios com a ponta do dedo.

A mãe, a tia e a enfermeira voltam todas ao mesmo tempo.

A mãe do Leon aproxima-se logo do berço e abraça o Leon. Dá-lhe um beijo na bochecha e outro na testa.

— Dois meninos — diz ela. — Tenho dois meninos. Dois meninos lindos.

O Leon abraça a cintura da mãe. Ainda tem a barriga grande como se o bebé ainda estivesse lá dentro, e está com um cheiro diferente. Se calhar é do hospital. Aquela história do bebé deixou a mãe do Leon inchada e de cara vermelha, e agora está quase a voltar ao que era. Menos na barriga. O Leon toca com cuidado na mãe por cima da camisa de noite florida.

— Tens mais bebés aí dentro? — pergunta ele.

A enfermeira, a Tina e a mãe desatam a rir.

— Os homens são assim — comenta a enfermeira. — Charmosos.

Mas a mãe do Leon baixa-se e aproxima a cara da do Leon.

— Não, não tenho — diz ela. — Só eu, tu e ele. Para sempre.

A Tina veste o casaco e deixa dez cigarros em cima da cama para a Carol fumar mais tarde.

— Obrigada, Tina — diz-lhe ela — e obrigada por ficares outra vez com o Leon. Pelo ar da coisa, parece que vou ter alta na terça.

A Carol ajeita-se na cama e a enfermeira põe-lhe o bebé nos braços. O bebé estava a fazer barulhinhos como se fosse começar a chorar. A mãe do Leon desaperta o casaco.

— Ele é amoroso, não é, Leon? Porta-te bem, sim? — e dá-lhe mais um beijinho.

A cabeça do bebé cabe toda na mão da mãe.

— Anda cá, lindo — diz-lhe ela e aconchega-o contra o peito.

A casa da Tina é muito diferente da do Leon, mas exatamente igual ao mesmo tempo. Tanto uma como a outra são duplexes,

com dois quartos e uma casa de banho no andar de cima, e a cozinha e a sala de estar no andar de baixo.

A casa do Leon fica no rés-do-chão do primeiro bloco, junto à via rápida, e a da Tina fica no patamar acima. A via rápida tem três faixas de cada lado, e os carros andam tão depressa que foi preciso colocar uma barreira ao lado do passeio. Agora quando o Leon e a Carol precisam de atravessar a estrada, têm de andar muito para chegar a uma passadeira, depois carregam num botão e esperam até o semáforo começar a apitar. Da primeira vez até foi divertido, mas agora o Leon demora mais tempo a chegar à escola de manhã.

A Tina deixa o Leon dormir no quarto do bebé dela. Prepara-lhe sempre uma cama fofa e confortável quando ele lá passa a noite. Pega em duas almofadas do sofá, embrulha-as num cobertor, e cobre o Leon com uma colchinha de bebé. Depois de ele se deitar põe-lhe alguns casacos por cima e finalmente uma coberta. Aquilo parece um ninho ou uma lura porque ninguém imagina que ele lá está debaixo, é como se estivesse camuflado na selva. A cama parece um monte de roupa, empilhado a um canto, mas de repente «AAAGGGH», vê-se um monstro lá debaixo, e o monstro salta e ataca as pessoas. A Tina deixa sempre a luz do corredor acesa, mas diz ao Leon que não pode mesmo fazer barulho por causa do bebé.

O bebé é grande, tem pernas bambas e um nome que lhe assenta bem. Bobby.

É o Bobby Bambo. Tem uma cabeça muito grande para o corpo, e quando o Leon brinca com ele, fica sempre com baba do Bobby nas mãos. A Baba do Bobby Bambo. O irmão do Leon não vai ser como o Bobby, que passa o dia a chuchar os brinquedos de plástico e a encharcar o babete de baba. Não vai cair no sofá com o peso da cabeça, nem ficar para lá caído até alguém pegar nele. O Leon ajuda o Bobby a sentar-se sempre que o Bobby cai, mas o Bobby acha que é uma brincadeira e deixa-se cair outra vez.

O Bobby adora o Leon. Ainda não sabe falar, e também anda sempre de chupeta na boca, mas assim que vê chegar o Leon, lá vai o Bobby pela alcatifa com os seus passinhos bambos até conseguir agarrar-se às pernas do Leon. Depois estende os braços para o Leon pegar nele. Quando o irmão do Leon for mais crescido, vão brincar os dois, com soldados e o Action Man. Vão andar a correr pela casa toda com metralhadoras, a disparar contra alvos. O Bobby pode ficar a ver.

Na casa da Tina há sempre uma janela aberta, e cheira a creme para bebé. A Tina também se parece um bocadinho com um bebé porque tem um rosto redondo, com bochechas cheias e olhos redondos esbugalhados. Volta e meia pinta o cabelo de uma cor nova, mas nunca fica contente, e a Carol insiste que tem de o pintar de loiro.

A Tina responde sempre:

— Se eu tivesse uma cara como a tua, pouco interessava.

E o Leon acha que ela tem razão.

A Tina tem um sofá de couro que é frio, onde as pernas do Leon escorregam, uma pele de ovelha em frente da lareira a gás e uma televisão enorme. Ela não deixa que o Leon a trate por «Tina», tal como trata a mãe por «Carol». Tem de chamar-lhe «tia Tina» e «mamã» à Carol, porque, diz ela, as crianças têm de mostrar respeito. E também não deixa o Leon ver televisão enquanto come. É obrigado a comer à mesa de madeira da cozinha, onde não há muito espaço porque a Tina tem um grande frigorífico com gelado lá dentro. O Bobby fica sentado na cadeirinha alta, a sorrir para o Leon, e a Tina serve duas colheres de gelado ao Leon e uma ao Bobby. O irmão do Leon só deverá ter direito a comer meia colher por ser o mais pequeno.

Às vezes, passa por lá o namorado da Tina, mas quando vê o Leon pergunta sempre:

— Outra vez?

E a Tina responde:

— Eu sei.

2

No dia em que a Carol traz o bebê para casa, a Tina, o Leon e o Bobby estão à espera dela à porta. A Carol vem a segurar com todo o cuidado na alcofa e sussurra ao entrar:

— Acabou de adormecer.

Pousa a alcofa no chão da sala e o Leon aproxima-se em bicos de pés. O bebê está mais crescido e com uma cara diferente. Tem um fatinho azul-bebé novo, com gorro a condizer, e um cobertor amarelo fofinho sobre as pernas. A Tina e o Bobby voltam para casa, e a Carol e o Leon ficam sentados na alcatifa a olhar para o bebê. Ele vira a cabeça e abre a boquinha. Mexe uma das mãozinhas minúsculas, e quando o bebê boceja eles os dois abrem a boca e bocejam também.

A Carol inclina a cabeça.

— É lindo, não é? — pergunta ela.

— É.

O Leon e a Carol encostam-se ao sofá e dão as mãos.

— Temos muita sorte, não temos? — diz ela.

Durante aquele dia e no seguinte, o bebê até parece a televisão. O Leon não consegue despegar os olhos dele e dos movimentos de bebê que ele faz. Quase não chora, mas quando chora parece um gatinho ou um cachorrinho. O Leon fica a ver a Carol quando ela muda o bebê num tapete especial de plástico com desenhos de cavalinhos de baloiço. O bebê tem uma pilinha muito pequena e tomatinhos grandes. O Leon espera que a pilinha do bebê cresça.

O cocó dos bebés é de uma cor esquisita — não é castanha, é de um amarelo-esverdeado — e a Carol tem de limpar o cocó com uma loção especial para bebé. A Carol e o Leon dão banho ao bebé. A Carol segura nele dentro de um bocadinho de água e o Leon molha-lhe a barriga e o rabinho. O bebé tem uma toalha branca especial que só ele pode usar e, quando está enrolado nela, até parece o Menino Jesus na manjedoura. Se calhar foi por isso que a mãe comprou um cesto igual ao do Moisés, porque descende de Deus.

O bebé pestaneja devagar e fica a olhar espedado para o Leon como se estivesse a tentar perceber quem ele é.

— Sou o teu irmão — diz o Leon. — O teu irmão mais velho.

O bebé não diz nada.

— Irmão. Mais velho — diz o Leon. — Eu. Sou. O. Leon. Tenho oito anos e três quartos. Sou um rapaz.

O bebé estica-se todo para dizer que percebeu.

Na escola, o Leon fala a toda a gente do novo irmãozinho. A professora diz-lhe que ele pode contar a novidade à turma, por isso o Leon levanta-se depois de se juntarem todos ao fim do dia.

— Tenho um irmãozinho novo. É muito pequenino e está quase sempre a dormir. É normal porque ele tem de se concentrar para crescer. A minha mãe diz que todos os bebés são diferentes, uns dormem e outros choram. E disse-me que eu era um anjinho em bebé, a não ser quando tinha fome. Sou eu que tomo conta do bebé quando a minha mãe não está. Quando o bebé nasceu, a cabeça tinha uma forma esquisita, mas depois voltou a ser redonda.

Toda a gente bate palmas, a seguir o Leon faz um desenho e leva-o para casa. A mãe cola-o no frigorífico com um íman ao lado de uma fotografia do bebé que a Tina tirou no hospital.

Algumas semanas depois, a Carol diz ao Leon que ele não pode ir à escola porque está a chover muito. Isso quer dizer que

ele pode ficar todo o dia a brincar, ligar a televisão e fazer torradas se tiver fome. A Carol deixa-o a tomar conta do bebé quando vai à cabine telefónica, e quando volta está ofegante e pergunta ao Leon se o bebé está bem. O Leon nunca permitiria que acontecesse alguma coisa ao bebé, por isso ela não tem de se preocupar.

Quando a Tina passa lá por casa, bate à porta e depois entra com uma chave dela. Diz sempre, mas sempre, a mesma coisa:

— Cal? É a Tina. Sou só eu — e quando o Leon era pequeno achava que ela se chamava «Tina Sousóeu». Traz carradas de roupa do Bobby e um saco cheio de brinquedos. São para miúdos pequenos, mas alguns são muito porreiros, e o Leon vai esconder os melhores no quarto dele.

A Tina e a mãe estão na cozinha.

— Continuas com ar cansado, Cal. O bebé não te deixa dormir?

A Tina parece a enfermeira do hospital, é um bocadito mandona. A Carol começa a chorar. Agora anda sempre a chorar.

— Não é como da outra vez. Sinto-me um bocado em baixo, percebes? Eu ando bem, mas parece que não estou a conseguir dar a volta à coisa.

A Tina vai dizendo «Chhhiuuu», e depois o Leon ouve-a a fazer chá. Às vezes, quando a Tina vem a casa do Leon, também lava a loiça e prepara-lhe torradas com guisado de feijão.

— Vai ao médico, Cal. A sério, tens mesmo de ir ao médico.

— Eu vou, eu vou.

— Também tens de pensar no Leon, para além do bebé.

— O Leon está bem — diz a Carol com uma fungadela. — É um miúdo espetacular, anda como se nada fosse. Adora o bebé, adora mesmo, mas o resto passa-lhe ao lado. Só quer saber de armas e de carros.

— Tens-te alimentado bem?

— O Byron passava por cá todos os dias quando o Leon era bebé. Era sempre ele que cozinhava. E dava-se muito bem com o Leon. E eu assim tinha uma folga.

O Leon ouve a Tina a abrir a torneira e a pôr a loiça no lava-loiça.

— Se fosse a ti, Cal, ia ao médico.

— Depois, quando ele foi preso e eu tive a depressão, queriam que eu fosse a um centro qualquer duas vezes por semana. E eu com um bebé em casa, a sentir-me mal como a merda. A sentir-me assim.

— Vou contigo se quiseres. O Bobby já passa a manhã na creche. Podíamos ir bem cedinho.

— O raio dos comprimidos até me davam pesadelos.

— Precisas de tomar alguma coisa, Cal.

— Eu sei.

Mais tarde, quando o Leon já estava na cama, a Carol foi ter com ele ao quarto.

— Acabei de adormecê-lo — diz ela, sentando-se. — Ele acordou-te?

— Não consigo dormir, mamã.

— Tenta — diz ela.

— Não consigo. Podes contar-me uma história?

A Carol não diz nada durante algum tempo, e o Leon pensa que ela vai responder que não ou que está muito cansada, mas ela respira fundo e começa.

— Esta é a história que o meu pai me contava.

— Mete medo?

— Medo? — A Carol abana a cabeça e sorri. — Não, ouve. Era uma vez uma mãe que tinha dois filhos, e um deles era bebé. O filho mais velho era muito barulhento. Falava muito alto, gritava e batia no tambor, abria as portas ao pontapé, cantava aos berros, e a mãe ralhava-lhe. «Chiuuu», dizia ela, «olha que ainda acordas o bebé». E a professora dizia, «Chiuuu, que não conseguimos dar as aulas». E na igreja, o padre dizia: «Chiuuu. Estamos num local sagrado.» E o rapaz sentia-se sozinho porque ninguém gostava dele. Decidiu fugir. Mas, estava quase a sair da aldeia

quando viu um grande lobo mau que ali vinha para comer toda a gente. Já estava muito longe para conseguir voltar atrás a correr e avisar toda a gente, por isso abriu muito a boca e berrou: «VEM AÍ UM LOBO!» E assim salvou a aldeia inteira, e nunca mais a mãe nem o irmão, nem ninguém o mandou calar.

— Já acabou?

— Já. E viveram todos felizes para sempre. Agora está na hora de dormir. Vá lá, aconchega-te. Amanhã é dia de escola, querido — diz ela e passa-lhe a mão pela testa.

— Estou doente? Se calhar estou doente — diz ele.

— Não, não estás doente. Amanhã tens mesmo de ir à escola.

A Carol diz aquilo todas as noites, mas há cinco dias que o Leon não vai à escola.

— Se não fores à escola, não aprendes nada, Leon. Se não aprenderes nada, não consegues arranjar um bom trabalho, nem uma boa casa, nem muitos brinquedos. Tu gostas de brinquedos, não gostas? Eu vi-te! Eu vi os brinquedos que trouxeste para o teu quarto! Não foi?

A Carol começa a fazer-lhe cócegas no peito, e ele começa a rir-se.

— E, de qualquer maneira, em casa aborreces-te e dás comigo em doida.

— Eu posso ajudar a tomar conta do bebé — diz o Leon.

— Do Jake. Ele chama-se Jake.

— Mas tu disseste...

— É o segundo nome do pai dele. Pronto, mudei de Jack para Jake porque gosto mais. E tu, Leon, também gostas?

A mãe dá-lhe um beijinho antes de apagar a luz, mas o Leon não lhe dá um beijinho a ela. A mãe prometeu que ele podia chamar Bo ao bebé, como o Bo d'Os 3 Duques. O Bo tem um carro vermelho e é loiro. Chama-se Beauregard Duke e é o melhor da série.

Jake-regard fica mesmo estúpido. O Leon não conhece ninguém na escola que se chame Jake, nem ninguém na televisão

que se chame Jake. Do outro lado da via rápida há um «Snack-Bar do Jake», onde se vendem tartes e batatas fritas, e quando o bebé andar na escola vai ser gozado por causa do nome. O Leon pensa se conseguirá fazer a mãe mudar de ideias. Jake é um nome mesmo horrível.

3

O Leon começou a reparar nas coisas que fazem a mãe chorar: quando o Jake faz muito barulho; quando ela não tem dinheiro; quando volta da cabine telefónica; quando o Leon faz muitas perguntas; e quando fica espedada a olhar para o Jake.

É a terceira noite que o Leon e o Jake dormem em casa da Tina. Vão para lá muitas vezes. A Carol leva-os para casa da Tina e deixa-os lá durante alguns dias. Na semana passada foram duas noites, e na semana anterior a essa foram três noites, e às vezes parece que nunca mais vão voltar para casa. A alcofa do Jake fica ao lado da cama alta do Leon. O Leon fica a olhar para o Jake durante alguns minutos porque ele faz uns barulhinhos especiais como se estivesse a assobiar e fecha as mãozinhas em punhos como se fosse o Muhammad Ali. O Jake abre os olhos e não chora. O azul dos olhos ficou mais vivo e brilhante, mas o centro continua a ser completamente preto, como uma gota de tinta no mar. O Leon e o Jake gostam de ficar simplesmente a olhar um para o outro durante algum tempo, e depois o Leon canta-lhe uma canção para bebés ou então sussurra-lhe alguma coisa.

— Estás bem, Jake? É hora de dormir, hora de dormir. Fecha os olhos. Está tudo bem, pequenino. Tudo bem. É hora de dormir, lindo.

No quarto do Bobby Bambo, com o Jake ao lado e escondido debaixo do grande peso dos casacos, o Leon sente-se tranquilo e aconchegado. Fica a olhar para a mancha de luz na parede, a ouvir

a respiração do bebé e o barulho que vem lá de fora, dos pneus a rolar na estrada molhada.

No dia seguinte, a Carol vem buscá-los. Parece animada e feliz, e fica muito tempo na cozinha da Tina, por isso o Leon vai até à entrada sem fazer barulho.

— Encontrei-o. Pois é, fui à casa de um amigo dele e não parei de bater à porta. Eu sabia que estava alguém lá dentro e disse muito alto pela caixa do correio que só queria dar-lhe um recado. Continuei a bater, até que de repente ele veio à porta. O Tony. Assim de repente. Foi uma grande surpresa. E para ele também. Eu disse-te que ele não me andava a evitar. Só não se apercebeu que já eu tinha chegado ao fim da gravidez. Quer dizer, eu disse-lhe, mas ele esqueceu-se. Disse-me que esteve para fora a trabalhar. E também não é lá muito bom a lembrar-se de datas.

A Tina não lhe está a fazer muitas perguntas como de costume. Por isso a Carol continua a falar.

— Disse que não podia ficar muito tempo a falar porque tinha de ir para casa. Ainda está a viver com aquela vaca, mas eu não percebo porque é que ele ainda está com ela. E ele também não. Eu disse-lhe que ele se podia mudar para nossa casa. Eu sei que ele quer ver o Jake, mas tem de ter cuidado porque se ela descobre não o deixa mais ver a miúda, e ele adora a filha. Já fez isso, usa a miúda para ele não se ir embora. Eu cá nunca fazia uma coisa dessas.

A Tina oferece uma bolacha à Carol. A lata de biscoitos da Tina está sempre a abarrotar. Às vezes, quando há muitas bolachas partidas, a Tina deixa o Leon tirá-las todas para fora e depois comê-las.

— Não, obrigada. De qualquer maneira, ele disse que ia sair de casa. Ela não sabe e ele vai ficar de bico calado até ter tudo garantido. O que ele quer, com a idade que tem, é assentar.

— Que idade é que ele tem?

— Trinta e nove. Mas nem se percebe. Não parece nada velho.

— Tem quase 40.

— Tem 39. A sério que não parece ter essa idade. Parece ser da nossa.

— Parece ter 25?

— Quer dizer, parece ter 30 e poucos, mas pronto ele disse que há muitos anos que as coisas não estão bem entre eles. Tu sabes como eu sou, Tina. Não gosto de fazer mal a ninguém, mas ele já não era feliz antes de me conhecer. Se fosse, nem sequer tinha olhado para mim duas vezes, não achas? Ele disse-me uma vez que tem família em Bristol e em Wolverhampton, por isso não sabe muito bem para onde há de ir, mas vamos viver só nós os dois juntos.

— E os miúdos — diz a Tina.

— Claro, claro. É isso que ele quer dizer. Eu, ele e os miúdos.

— E a filha dele?

— Ela também vai viver connosco.

— Pois — diz a Tina passado algum tempo. — E ele disse-te isso?

— Só estivemos juntos alguns minutos, mas disse.

O Leon volta à sala para ver como está o Jake na alcofa. Tem quase quatro meses e está a ficar muito grande para a alcofa. Está sempre a bater em si próprio, de lado, e a tentar sair, e depois fica zangado e faz sons de gato. Leon apanhou com um sermão por tentar ajudá-lo a levantar-se, por isso o Leon agora fica só a olhar e conta ao Jake coisas que acha que ele deve saber, como quem é o melhor jogador de futebol. Mas não lhe apetece contar ao Jake aquilo de viver com uma miúda e uma vaca em Bristol porque se calhar o Jake começava a chorar.

4

O Leon come a torrada sentado na alcatifa junto às portas que dão para o pátio interior. Devia estar bom tempo por ser verão, mas o céu está da mesma cor das lajes do jardim, fosco e cinzento, como a estrada para a escola, o atalho para a esquadra ou a viela suja entre os prédios de apartamentos e os duplexes.

A um canto do pátio está um monte de madeira como se alguém tivesse planeado reparar a cerca e se estivesse esquecido. Em vez disso, os vizinhos do duplex ao lado consertaram o buraco com arame farpado por causa do cão deles e da discussão que tiveram com o pai do Leon quando ele ainda vivia lá em casa. O Leon lembra-se de ver o pai no jardim, a apontar com o dedo e a dizer (o Leon lembra-se de tudo o que o pai disse, palavra por palavra: «Se a porra do cão passar para este lado e morder no meu filho, eu arranco-lhe o coração com as mãos, ouviste, Phil?»)

O cão chama-se Sansão e perdeu o pelo do peito numa luta. Tem um círculo careca de pele cor-de-rosa e o Leon imaginava o coraçãozinho do Sansão a bater por baixo da pele e o pai a agarrar nas patas do cão e a puxá-las para os lados até o cão começar a uivar.

O Leon sabe como é um cão a uivar e, quando vê o Sansão no jardim do lado, levanta-se e ficam os dois a olhar um para o outro pelo buraco de arame farpado ferrugento.

Mas hoje o Sansão não está no pátio do lado e o Leon fica sentado com o seu Action Man velho e o Action Man novo no degrau das traseiras. A Carol ofereceu-lhe o Action Man novo

no seu aniversário no início de julho e a Tina comprou-lhe um fato do Action Man. O pai mandou-lhe um postal com dinheiro, por isso o Leon comprou um fato melhor com botas da tropa e uma arma. Para o Natal o Leon vai querer mais dois Action Man com uniforme do exército. Assim já são quatro e, se continuar a juntar, vai ficar com um exército de Action Man.

O Leon ouve a campainha e uma voz de homem. Pega no Action Man novo e os dois vão rastejando com os cotovelos pela alcatifa fora, passam por trás do sofá e põem-se a espreitar pela abertura da porta. Está um homem na entrada, a deixar entrar uma corrente de ar frio. É um homem entroncado e alto, de casaco de pele comprido, preto, com um fato por baixo como se fosse um vilão do James Bond. E está com as mãos nos bolsos, por isso é bem possível que tenha uma arma.

Se tiver uma arma e tentar dispará-la, o Leon rebenta com a porta ao pontapé e ataca-o antes de ele conseguir puxar o gatilho. O Leon sabe que movimentos as pessoas fazem antes de disparar, como nos filmes de *cowboys* quando as pessoas afastam as mãos para os lados. Ou então, se a Tina estiver em casa, o Leon pode passar pelo homem a correr e vai pedir ajuda à Tina. Ou então pode telefonar para a polícia. O Leon pensa que era bom não precisar de ir à casa de banho sempre que fica muito animado ou assustado. Arrepanha a parte da frente das calças e pressiona-se contra a alcatifa para não deixar sair o chichi. O homem fala devagar com a cabeça inclinada para o lado, como se a mãe dele fosse um bebé ou um bocado estúpida.

— Não faças disto uma coisa que não é, Carol.

A Carol chora e diz muitas vezes «Tony», mas o homem parece que não ouve.

— Sou casado. É como se fosse. Eu não queria ter mais filhos e não quero ter outra namorada. Não quero que ande para aí uma pessoa sempre a ligar lá para casa, nem a visitar os meus amigos e a armar confusão.

A Carol vai engolindo em seco.

— Já te tinha dito, não tinha? — pergunta o homem, sempre de cabeça inclinada para o lado e de mão na arma invisível. — E não te ponhas a deixar recados aos meus colegas. Eu fico passado com essa cena. Para lá com isso, Carol.

A Carol começa a falar algumas vezes, mas não consegue respirar como deve ser, por isso diz mal as palavras, aos bochechos.

— Tu ainda nem sequer o viste, Tony. O que é que queres que eu faça? Que queres que eu pense se nem uma roca compraste para o menino?

— Então, deixa-te disso, miúda. Achas que isto tem a ver com dinheiro?

A Carol abana a cabeça de um lado para o outro.

— Não — continua ele —, isto tem a ver com as tretas que andas a contar a ti mesma para desculpar uns meses de quecas no banco de trás do meu carro, não tem?

A Carol diz alguma coisa.

— Não sei o que se passa contigo, Carol. Nem de ranho na cara deixas de ser uma miúda bem-parecida, mas esse cérebro parece um motor gripado.

O homem tira uma das mãos do bolso e bate com o dedo no lado da cabeça.

— Isso mesmo, um motor gripado. Não trabalha. Não passava na inspeção. Está a avariar. Não consegue chegar de A a B. Pior do que isso, está a fazer uma chinfrineira do caraças.

O Leon e a Carol ouvem a mesma coisa ao mesmo tempo. Ouvem a voz do homem passar de branda a severa. O Leon percebe que a Carol ouviu aquilo porque vê a cabeça da mãe virar-se com brusquidão, como se tivesse apanhado uma bofetada. O Leon levanta-se com o Action Man bem seguro nas mãos.

— Ouve lá, eu não sou má pessoa. Está bem? Mas vê lá se começa a comportar-te, porra. Vê lá se paras com os telefonemas. Toma.

O homem leva a mão ao bolso de dentro do casaco.

— Toma lá isto para o miúdo e continua com a tua vida. Vê se arranjas um rapaz de jeito, que venda aspiradores ou pneus usados. Alguém que saia do trabalho às 17h30 e que te leve ao bingo. Está bem? Eu não sou de fazer essas coisas, miúda. Não sou mesmo.

Tenta dar alguma coisa à Carol, mas ela foge para a sala, passa a correr pelo Leon, tira o Jake da alcofa e volta a correr para a porta.

— É teu filho, Tony, e tu não queres saber. Não podes sequer entrar, por amor de Deus? Passa algum tempo com ele.

O homem dá um passo para o lado e, ao fazer isso, vê o Leon. Pisca o olho e transforma dois dedos numa pistola que aponta ao Action Man e faz «Puf». O Leon sorri. Depois o homem volta a inclinar a cabeça para o lado.

— Para lá com isso, Carol — diz ele. — Não há mais nada a dizer.

Dá um passo atrás e fecha a porta. A Carol vira-se e grita com o Leon.

— Porque é que tinhas de estar aí a ouvir às escondidas? Se não andasses para aí a espreitar, ele entrava e ficava uns minutos com o único filho que tem. Porque é que és tão metedigo, Leon? Hein? Andas sempre para aí todo sorrateiro, a ouvir às escondidas. Vai mas é para a cama e não saias de lá!

O Leon vai em bicos de pés para a casa de banho e faz chichi para o lado da sanita para não fazer barulho. Não puxa o auto-clismo, nem lava as mãos. Tenta contar todos os triângulos do papel de parede do quarto, mas são muitos. Divide-os em triângulos azuis-escuros e azuis-claros, e semicerra os olhos e espreita por entre as pestanas para ver o contorno de um tanque. A Carol costumava pedir-lhe desculpa quando gritava com ele, mas agora esquece-se sempre de o fazer, por isso amanhã o Leon vai tirar-lhe 20 *pence* da carteira. Com 20 *pence* pode comprar um *Twix*

ao voltar da escola, e vai atirar o papel para o chão porque não quer saber.

O Leon sente-se mal por ter sorrido ao homem que fez chorar a Carol, mas se o homem voltar se calhar podem fingir que têm pistolas e disparar um contra o outro. Mas espera que, quando crescer, o Jake não seja como o pai e não diga coisas perigosas com uma voz calma. O Leon só sorriu por simpatia. Se o homem voltar, o Leon não vai voltar a sorrir. Vai tomar cautela e proteger a Carol e o Jake, e assim já ninguém grita com ele.

No dia seguinte, a mãe levanta-se cedo e diz que tudo vai mudar. Pede-lhe muita desculpa e diz que se vai esforçar, e por isso faz um grandessíssimo pequeno-almoço com panquecas e molho doce como viu num livro de receitas. As panquecas não sabem lá muito bem, e ela começa a chorar porque o Leon não come tudo. Desfaz uma panqueca com leite para o Jake, mas assim que lhe mete uma colher na boca ele vomita tudo para a camisola. A Carol obriga o Leon a prometer que vai à escola para ser inteligente e ter uma vida diferente da dela.

— Quero que os meus filhos tenham uma vida melhor — diz ela quando o Leon a está a abraçar no canapé. — Quero que vocês os dois tenham uma vida boa, cheia de coisas bonitas. Quero que vivam numa casa elegante com um jardim como deve ser e quero que vocês gostem sempre um do outro. Não quero cá discussões. Estou tão cansada de discussões. E quero que saias deste buraco. Sai mesmo daqui, vai para muito longe. Não olhes para trás. Por isso tens de aprender coisas e tirar um curso. Não sejas como eu ou como o teu pai. És tão esperto, Leon. Prometes-me uma coisa, meu querido?

— Diz, mãe.

— Cuida dele e cuida de ti. Tira mais alguma coisa da vida.

— Está bem, mamã.

— Para os dois. Faz isso pelos dois.

Abraça o Leon com tanta força que ele tem de afastar um bocadinho porque não consegue respirar.

— Agora vou para cima, meu amor. Toma conta do Jake por mim.

Há dias em que o Leon não põe os pés na escola, fica em casa com o Jake enquanto a mãe dorme. Mas quando vai à escola, o Leon tem de acordar a mãe antes de sair para ela se lembrar do Jake. Às vezes, a mãe diz-lhe para ele se ir embora, e o Leon passa o dia inteiro a pensar no almoço ou na sesta do Jake. Mas outras vezes, quando está a jogar à bola ou outra coisa parecida, esquece-se de tudo o que se passa em casa. Como quando entrou um miúdo novo para a escola e a professora disse ao Leon para tomar conta dele à hora de almoço. O miúdo era muito mais pequeno do que o Leon e parecia assustado. O Leon explicou-lhe onde ficava tudo, e depois foram para a fila do almoço. O miúdo chamava-se Adam e tinha cabelo comprido. Disse ao Leon que o pai era professor noutra escola. Disse que tinha um cão.

— Que tipo de cão? — perguntou o Leon. — É um pastor-alemão ou um *dobermann*?

— É um caniche — respondeu o rapaz. — É da minha mãe. Ela chama-lhe Docinho.

— Oh — disse o Leon. — Um caniche.

— Sim, mas eu treinei-o para morder nas pessoas.

— A sério?

— Sim. Eu podia trazê-lo para a escola e pô-lo a morder em toda a gente da turma.

— A sério?

— Sim. Se eu quisesse.

Passaram a tarde inteira a falar de como se treinam cães e de como os dentes dos cães são afiados e de que cão era melhor. Os caniches não foram para ali chamados.

No caminho para casa, o Leon começou a pensar que podia pedir um cão à Carol, um cão para ele treinar. Podia treiná-lo para

morder o pai do Jake. Podia treiná-lo para morder na velhota que mora no patamar de cima, que está sempre a olhar para ele e a abanar a cabeça. Podia treiná-lo para morder no namorado da Tina e no carteiro. Depois, quando o Jake crescesse, podiam ficar famosos por treinarem cães. Os melhores treinadores de cães do mundo.

5

Quando chegam as férias de verão, fica tudo de pernas para o ar lá em casa. O Leon pode ir para a cama às horas que quer e às vezes até pode dormir no sofá porque a mãe nem repara. Pode comer o que bem lhe apetecer, mas o que é que isso interessa quando tanto o frigorífico como os armários estão vazios. Tem de tomar conta do Jake quase todos os dias, e a Carol está sempre a chorar e a ir à cabine telefónica, e deixa o Leon a tomar conta do bebé, e quando o Leon lhe pegou uma vez ao colo ele contorceu-se tanto que caiu ao chão. Já tinha parado de chorar quando a Carol voltou, mas o Leon ficou zangado com ela e roubou-lhe mais 20 *pence* da carteira. Mas podia ter-lhe tirado o dinheiro todo porque ela não sabe quanto lá tem.

De manhãzinha, quando o céu começa a clarear, o Jake põe-se logo a chorar e o Leon acorda com ele. Tem sempre a fralda pesada e toda húmida, mas assim que o Leon lha muda, o Jake começa a sorrir e a dar gargalhadas. O Jake quer sempre comer a mesma coisa ao pequeno-almoço, e o Leon já tem um esquema montado. Levou algumas semanas a acertar com ele, mas agora já podia ensinar outras pessoas a tratar de um bebé pela manhã.

Muda-se a fralda (não esquecer de usar o creme branco ou na manhã seguinte o rabinho do bebé já está vermelho). Alimenta-se o bebé, mas é preciso ter cuidado ao descer as escadas porque os bebés se mexem no colo e às vezes são pesados; quando não se prepara o biberão com rapidez, o bebé começa outra vez a chorar. Colocam-se seis colheres de leite em pó no biberão e enche-se

com água quente da chaleira. É melhor provar primeiro o leite porque pode estar muito quente. Às vezes, quando o bebê tem mesmo muita fome, é preciso misturar mais pó e uma colher de açúcar. O pior é quando o bebê vomita. Faz uma grande porcaria, e leva-se muito tempo a limpar tudo.

Nem a Carol sabe qual é a melhor rotina para o Jake e às vezes esquece-se dele na cadeirinha alta, e o Leon é que o tira de lá. A Carol passa o dia na cama, por isso tem de ser o Leon a fazer tudo. Quando o Leon entra no quarto da mãe, ela está sempre escondida debaixo dos cobertores com os comprimidos perto da cama, uns que estão dentro de um frasco branco e outros que são cor-de-rosa, e que é preciso fazer força para tirar de uma placa prateada. Uma vez, o Leon tirou um da placa. Parecia um rebuçado, mas o Leon deitou-o pela sanita abaixo depois de o lambe.

Depois, há outras alturas em que a Carol sai e o deixa a ver televisão. Põe o Jake no carrinho e sai com ele durante várias horas, e quando volta está cansada e o Jake vem a chorar. Deixa o carrinho na entrada e vai logo para o quarto, a falar sozinha. É o Leon que tem de soltar o cinto do carrinho, e tirar o fato do bebê, e dar-lhe de comer, e às vezes o Leon tem de fazer tantas coisas, que fica muito cansado e zangado.

Parece que o Jake não para de chorar há vários dias. Se ele não parar de chorar, o Leon vai ter de ir a casa da Tina pedir dinheiro. Se a Tina não estiver, o Leon vai ter de ir a casa da vizinha do lado, que não gosta dele. Já foi procurar dinheiro na carteira da Carol, mas não tem que chegue para comprar comida e algumas fraldas para o Jake, mais alguns doces para ele. Quer dizer, não tem dinheiro nenhum, só alguns recibos, uma foto antiga e um brinco. O Leon virou a carteira ao contrário. Procurou entre as almofadas do sofá e nas gavetas da cozinha, e nos bolsos do casaco da Carol, e em todos os sítios de que se conseguiu lembrar.

O Jake já nem anda de fralda porque a última tinha um cheiro horrível, e acabaram-se as fraldas novas. O Leon teve de sentar o Jake numa toalha dentro da alfofa, e pôs lá dentro alguns brinquedos, mas ele já consegue sair e rebolar por todo o lado, e tomar conta do Jake tem sido cada vez mais difícil. E agora andam os dois quase sempre com fome. O Jake passou a manhã a chorar e a Carol não faz nada.

Todas as manhãs, é o Leon que tem de tirar o Jake da cama, pegar nele e andar com ele de um lado para o outro durante um bocadinho até ele deixar de chorar. A mãe anda a portar-se de uma maneira, que até parece que ficou surda.

O Leon abanou-a, e pediu-lhe por favor, e puxou-lhe pelos braços, mas nada. Mesmo acordada, ela não fala, nem come, nem se levanta. Foi o que aconteceu ontem e anteontem e, agora, hoje, o Leon tem de fazer alguma coisa. Volta a ir ao quarto dela. Pelas cortinas finas passa uma luz cor-de-rosa, e o ar parece pesado e calmo como quando uma pessoa retém a respiração. A Carol tem uma das mãos pousadas no lençol. O Leon toca-lhe com a ponta do dedo. Ela não se mexe, mas vai franzindo os lábios finos e secos como papel, e faz lembrar um peixinho dourado dentro de um aquário.

— Mamã?

A Carol vira a cabeça para a parede.

— Mamã, tenho fome.

O Leon percebe que o quarto cheira como as fraldas do Jake e que a mãe voltou a fazer chichi na cama. Abre a janela, mas só um bocadinho para a Carol não ter frio.

Se o Leon for a casa da Tina e conseguir trazer algum dinheiro, ninguém precisa de saber que a Carol está outra vez doente. O Leon consegue pô-la melhor, se conseguir arranjar dinheiro. Da última vez que as coisas ficaram assim, o Leon teve de ir viver com uma senhora e o marido e o gato dela, e eles estavam sempre a levá-lo à igreja e a obrigá-lo a sentar-se muito quietinho, e era horrível, por isso ele vai tomar conta da Carol e do Jake, vai

preparar chá e torradas para a mãe e ajudá-la a sentar-se e a tomar os comprimidos, e vai trocar o lençol e fazer de conta. O Jake começa a chorar no andar de baixo, por isso o Leon vai ter com ele e dá-lhe um beijinho.

— Ficas aqui com os teus brinquedos. Para de chorar, Jake.

Deixa a porta destrancada e vai até ao patamar de cima. Toca à campainha da casa da Tina.

— Está tudo bem, meu amor? — pergunta ela.

— A minha mãe perguntou se pode emprestar algum dinheiro. A Tina espreita para o patamar e depois para lá do corrimão.

— Onde é que ela está, Leon?

— Está a dormir, mas disse-me para ir à loja.

— Foste à escola hoje?

— Não, a escola acabou na semana passada. Ela perguntou se pode emprestar uma libra.

A Tina olha mais algum tempo para ele e depois entra no apartamento. Volta com o Bobby Bambo e a bolsa, e fecha a porta.

— Eu dou um saltinho lá abaixo para a ver.

O Leon segue atrás dela e espera que a mãe esteja acordada e vestida, e espera que o Jake já tenha parado de chorar. Mas quando a Tina entra lá em casa e começa a fazer aqueles sons, o Leon percebe logo que ela vai descobrir tudo.

A Tina entra na cozinha e começa a abanar a cabeça.

— Cristo — diz ela.

Entra na sala e tapa a boca com a mão. Vê a sujidade que o Leon fez, e percebe que tem estado sentado em frente à televisão e que tem comido os cereais da caixa com a mão. E que não pôs as fraldas do Jake no lixo. Que não abriu a janela como a Tina faz em casa dela, nem pôs tudo a cheirar a creme de bebé. O Leon vê o que a Tina vê. Porque é que ele não arrumou tudo antes de ir pedir-lhe dinheiro? A Tina volta para a entrada.

— Carol? Carol? — chama ela. Põe o Bobby no parque do Jake e depois corre escadas acima. O Leon segue atrás dela.

— Raios partam!

A Tina começa a abanar a Carol e a puxar-lhe pelo braço.

— Cal! Cal!

Olha para o Leon.

— Ela tomou alguma coisa? Há quanto tempo é que ela está assim? Cal?

De repente, a Carol começa a gemer.

— Deixa-me estar! Deixa-me estar!

A Tina começa a dar palmadinhas na cara da Carol, mas ela não reage nem sequer abre os olhos. O Leon sabe porque há dias que ele está a tentar. A Tina pega na mão do Leon e sai do quarto às arrecuas. E vai sempre abanando a cabeça, e dizendo «Cristo» ou «Meu Deus».

Descem as escadas juntos. A Tina tira o Jake da alcofa e embrulha-o numa toalha. Pega também no Bobby. Com dois bebês ao colo, fica sem fôlego.

— Vai buscar a minha bolsa, Leon. Anda comigo.

Vão à cabine telefónica que fica ao fundo da rua, e ela diz-lhe para esperar cá fora com o Jake ao colo. A porta não fecha bem, por isso ele ouve tudo.

— Acho que é preciso uma ambulância — diz ela. Espera um minuto e diz a morada da mãe dele. Depois diz que também vão precisar dos Serviços Sociais.

Pousa o auscultador e depois repete várias vezes para si mesma um número enquanto o vai discando.

— Serviços Sociais? — pergunta ela.

A Tina faz força na porta para a fechar, mas não consegue.

— Há duas crianças que lá estão há uns dois dias pelo menos. Sim. Sim. Não, já dura há algum tempo. Sim. Vem aí uma ambulância. Sim. No patamar de cima, no 164E. Não sei, nove, e quatro ou cinco meses, mais ou menos. Carol Rycroft. Sim. Leon e Jake. O Jake é o bebé. Não sei. Não. Péssimo. Não sei.

Fica muito tempo a ouvir e depois diz:

— Eu posso levá-los para minha casa, mas eles não podem lá ficar. Não, tenho muita pena. Não pode mandar alguém? Quando? Cristo! Está bem, só uma noite, então. Não tenho telefone. Não. Sim, 164E, no primeiro patamar, sim. Eu vou lá estar.

Quando sai, está a respirar como quem acaba de fazer uma corrida.

— Consegues levá-lo, Leon? — pergunta ela. — Se formos devagarinho?

O Bobby está a chorar e o Jake não para de se contorcer, mas o Leon consegue acompanhar o passo da Tina, que afinal não vai assim tão devagarinho. Mal chegam a casa da Tina, ela põe logo o Jake no banho com o Bobby e veste-lhe roupa do Bobby. Ele continua a chorar, mas depois ela dá-lhe um biberão e, a meio, ele adormece.

A Tina continua a dizer que tem muita pena, mas que não tem outra alternativa. Chega a senhora da ambulância, e a Tina abre-lhe a porta.

— Já temos uma pessoa lá em baixo com a mãe. Tem as crianças aqui consigo?

— Estão os dois bem — diz ela, apontando para o Jake, que dorme profundamente, e depois para o Leon, que está ao lado dela.

— Ele tem nove anos e o Jake está para aí com uns quatro meses. Já dei de comer ao bebé e ia agora dar de jantar ao Leon. Acho que ele está com fome, não estás, meu querido?

O Leon enxuga a cara.

— E um bocadinho preocupado com a tua mãe, não estás? — pergunta a senhora da ambulância. Agacha-se em frente do Leon e aperta-lhe um braço e depois o outro braço.

— De certeza que já andas com fome há algum tempo.

O Leon abana a cabeça:

— Não, eu estou cheio.

Quando começam a cochichar sobre a mãe dele, o Leon sente vontade de lhes dizer que ela é boa pessoa e amiga dele, mas

as mulheres não estão atentas a ele. A senhora da ambulância vai ver o Jake e, quando percebe que ele está a dormir, diz que vai voltar para a outra casa.

Depois de a senhora sair, a Tina prepara-lhe torrada com guisado de feijão e ele vai tomar banho. Depois veste uma tshirt da Tina e come batatas fritas enquanto vê televisão. Os 3 Duques ainda só vão a meio quando o Jake começa outra vez a chorar e a Tina põe-no no colo do Leon para ele lhe dar o biberão.

— És um bom miúdo, Leon — diz ela. — Não mereces isto.

— Onde está a minha mãe? — pergunta ele.

— Levaram-na para o hospital, meu querido. Tu viste que ela não estava bem. Devias ter cá vindo dizer-me. Ela já estava assim na semana passada, não estava? Cruzei-me com ela e vi logo pela cara que não estava bem. Há quanto tempo é que as coisas estão assim?

O Leon não sabe.

— Desta vez, ela está mesmo mal, meu querido. Nunca a vi tão mal. Não sei o que vai acontecer.

Mas o Leon sabe.

As assistentes sociais só aparecem no dia seguinte, de tarde. São duas, e uma tem cabelo preto com branco por baixo, como se fosse uma zebra. Ficam montes de tempo na cozinha a falar sobre a mãe dele. Ele ouve a Tina a contar-lhes tudo.

— ... semanas e semanas, ainda antes de o bebé nascer agora que penso nisso. A primeira vez que ficou deprimida foi quando teve o Leon, mas eu não a conhecia nessa altura. Acho que ele já esteve para aí umas duas vezes em famílias de acolhimento. Ela parecia estar bem antes de o bebé nascer, mas agora não está mesmo nada bem, percebe? Quer dizer, pelas coisas que faz... e deixa os miúdos sem mais nem menos. Quase sempre comigo. E deixava muitas vezes o Leon a tomar conta do bebé, percebe? Cinco minutos aqui, mais cinco minutos acolá. E ele tem faltado à escola.

Ninguém fala e depois a Tina começa outra vez a falar, a dizer as mesmas coisas, a dizer coisas más sobre a Carol e a fingir que o Leon não tem tomado bem conta do Jake.

— Ela piorou e eu não me apercebi — diz a Tina. — Tivemos a modos que um desentendimento há algumas semanas porque ela me andava sempre a pedir dinheiro emprestado. E depois nunca mo devolveia. E já não sei quantas vezes fiquei cá com os miúdos. Eles são amorosos, mas quer dizer.... E pronto eu disse-lhe que já era demais, percebe? Ela passou-se. E eu afastei-me e não tenho estado atenta. Estava sempre atenta, mas também tenho uma família em que pensar. Quando o pai do bebé acabou com ela é que a coisa deu para o torto. Tony, acho que é assim que ele se chama. Não sei o apelido. Ela reagiu mal. Mesmo muito mal.

— E o pai do Leon? Está por cá?

— Esse? O Byron? Não, anda fugido. A Carol disse que ele tinha de ir a tribunal, e que não teve coragem. Mas mesmo quando estava por cá, não ajudava nada. Ia e vinha quando lhe apetecia. Ficava com ela umas duas semanas e depois lá se ia embora. A seguir esteve preso durante algum tempo e, depois de sair da prisão, estavam sempre a discutir aqueles dois. E a beber. Tanto um como outro bebiam. E de qualquer maneira, quando ela engravidou do Tony, a coisa ficou por ali.

O Leon vê que a Tina deixou a bolsa em cima do sofá. Deixa a porta aberta e vai buscar a bolsa, e tira lá de dentro 50 *pence*. Mete o dinheiro nas calças e volta a pôr tudo como estava. Regressa em bicos de pés para junto da porta da cozinha.

— Como lhe disse, tentei mesmo ajudar. Nos últimos meses, volta e meia ficava com os miúdos, mas por muito que eu queira ajudar isso tem de acabar, percebe? Quer dizer, ela teve mesmo um esgotamento, não teve?

O Leon abre completamente a porta. Olham todas para ele. As assistentes sociais têm caras falsas, uma é a Falsa Feliz e outra, a Falsa Triste. Não podem estar zangadas, por isso mostram-se

tristes. Desta vez, estão a fingir que se interessam por ele, pelo Jake e pela mãe.

— Quero ir buscar as minhas coisas — diz ele.

Olham umas para as outras.

A Zebra vai com ele a casa. A Tina deu-lhe a chave dela. A mulher observa a cozinha e abre o frigorífico. Abre a porta das traseiras e vê as fraldas todas que o Leon atirou lá para fora. Sobe lentamente até ao andar de cima e ajuda-o a escolher alguma roupa para o Jake e alguma para ele, mas diz-lhe que só pode levar um saco com brinquedos.

— Tudo o que conseguires meter naquela mochila — diz ela.
— Podemos vir buscar o resto noutro dia.

O Leon tem de deixar um dos Action Man para os brinquedos do Jake caberem na mochila vermelha dele. Depois de a Zebra encher uma mala, voltam para casa da Tina. Pega no Jake e embrulha-o numa manta. A Tina tenta dar um beijinho ao Leon.

— Vais correr tudo bem, Leon. Tenho muita pena, meu querido. — Baixa-se, mas ele vira a cara para a parede. Tem a mochila à frente dele. Ele ouve-a a fungar e a chorar, e pensa nos 50 *pence* que lhe tirou e que tem no bolso, e nos doces que vai comprar com eles.

No carro, a caminho da casa da senhora que o vai acolher, a Zebra não para de falar, mas o Leon vai sentado no banco de trás ao lado do Jake, com a mochila no colo, e finge que não ouve. O Jake adormeceu numa cadeirinha especial para andar de carro e o Leon fica contente por ele não ter ouvido a Tina a mentir e a Zebra a fazer-lhe montes de perguntas, para ver se ele dizia coisas más sobre a mãe.

6

De manhã, o Leon abre os olhos e põe-se à escuta. Não ouve o Jake a chorar. Depois lembra-se. Está em casa da senhora do acolhimento. Na noite anterior, quando lá chegaram com a Zebra, a senhora veio à porta, pegou no Jake e deu-lhe um beijinho mesmo sem o conhecer de lado nenhum.

— Que querido — disse ela.

A senhora encaminhou o Leon para uma sala com televisão e disse-lhe para se sentar.

— Podes ver o que quiseres, meu querido — disse ela, mas só estavam a dar notícias. Dava para ouvir a Zebra a falar na cozinha e, mesmo que em parte não quisesse, não tinha outra hipótese senão escutar. A Zebra estava a sussurrar alto.

— ... o miúdo é que tem tomado conta de tudo... do bebé e da mãe, sim, dos dois... malnutrido... atrasado no crescimento... toxicodependência... ambulância...

Durante esse tempo, a senhora ia dizendo «Humm» e «Estou a ver», e a Zebra não parava de falar.

— ... esgotamento... acolhimento de emergência... ordem judicial... a imundície ... o estado do local...

De repente, a senhora disse à Zebra que podia ir para casa. Ouviu a porta da frente a abrir e a senhora a dizer:

— OK, Judy, está bem, já percebi. Podes ir embora. Pois, podemos fazer isso tudo amanhã. Está bem. Podes ir. Adeus.

A senhora tinha-lhe dado uma daquelas bolachas recheadas com compota, de dentro de uma lata dourada, e perguntou-lhe se

ele queria mais uma, por isso o Leon acabou por comer três ao todo com chocolate quente e, quando se deitou, nem sequer sonhou.

O cheiro a pequeno-almoço enche o nariz do Leon e faz-lhe doer a barriga. Não quer fazer barulho porque o Jake ainda está a dormir. Deve estar a dormir porque não está a chorar. O Leon está numa cama macia e quente, com uma colcha com bolas de futebol pretas e brancas. No teto estão pendurados aviões de madeira que rodam com a brisa fresca que entra pela janela. Até as cortinas têm desenhos de bolas de futebol. O papel de parede tem montes de soldados com jaquetas vermelhas e espingardas brancas e, melhor do que tudo isso, o Jake não está a chorar. O cheiro a comida é tão forte que consegue arrastar o Leon para o andar de baixo. O Leon ouve a senhora a cantar uma canção de embalar, e o Jake a rir-se. Ouve pratos, facas e garfos a baterem uns nos outros. Aproxima-se em bicos de pés da porta da cozinha e põe-se à escuta, mas a senhora deve tê-lo ouvido.

— Podes entrar, dorminhoco. Sandes de *bacon* com molho de tomate. Podes comer o que quiseres.

O Leon senta-se à mesa, que é amarela, e a senhora põe-lhe à frente um prato com uma sandes de *bacon* enorme, que corta ao meio. Depois pousa-lhe o frasco de molho ao lado com barulho e diz:

— Podes atacar, meu querido.

O Jake tem um babete com um dinossauro. Está com um ar limpo e fresquinho, sentado na cadeira alta ao lado da janela, e a senhora aproxima-se dele e começa a apontar para coisas no jardim.

— Pássaro — diz ela. — Pássaro. Um passarinho pintadinho.

Continua a falar com o Jake e ele tenta falar com ela, e assim o Leon consegue comer a sandes em paz. Parece-lhe a melhor coisa do mundo, com aquele pão fofo e montes de carne, e o molho a pingar para o prato, e ainda tem um copo gigante de sumo de laranja que lhe parece mais doce do que uma *Coca-Cola*, e ele

dá uma trinca na carne salgada e bebe uma golada de sumo de laranja docinho, e continua a fazer aquilo até se acabar a comida e a bebida.

E depois a senhora põe-lhe mais uma sandes no prato.

— Estás a crescer. Aposto que não consegues comer isso tudo.

Mas o Leon consegue, e bebe mais um copo de sumo de laranja, mas ao comer a segunda sandes já consegue prestar atenção à senhora e ao que ela vai dizendo. Ele está à espera que ela lhe faça perguntas sobre a mãe.

— Ora, nem toda a gente conseguiria ver semelhanças entre vocês os dois — diz ela, cruzando os braços sobre o peito cheio —, mas a Maureen consegue. — Sorri e aponta para a testa. — Sou eu, a Maureen, e tenho olho para miúdos.

O Leon lambe o molho dos dedos e olha em volta. A casa da Maureen cheira a doces e a torradas, e quando ela fica perto da janela da cozinha com o sol por trás, o cabelo ruivo e frisado parece um halo incandescente. A Maureen tem braços de pugilista, e uma grande barriga parecida com a do Pai Natal. Numa das paredes da cozinha está pendurada uma colher de madeira gigante, que diz «Melhor Mãe do Mundo», e, ao lado, um quadro de Jesus com os apóstolos todos, e ele a mostrar o sangue que tem nas mãos.

— Então tens nove anos — diz a Maureen, pegando no prato e enchendo-lhe o copo com mais sumo de laranja.

O Leon acena com a cabeça.

— E ele tem quase cinco meses.

O Leon acena com a cabeça.

— E tu és o calminho.

— Sim, sou.

— Mas ele é que manda.

Ela sorri, por isso o Leon também lhe sorri.

— Estou a ver — diz ela. — Aposto que ele tem feito gato-sapato de ti. Já te dava ordens se soubesse falar, não era?

Aproxima-se do Jake e dá-lhe uma colher grande de plástico. O Jake começa a bater no tabuleiro da cadeirinha. O Leon e a Maureen levam as mãos às orelhas.

— Acho que fiz asneira... — diz ela e o Leon ri-se.

— Então, diz-me lá qual é a rotina dele — pergunta ela e senta-se à mesa em frente a ele. Pega num bloco de notas e num lápis, e escreve «Jake» no cimo da folha.

— Diz-me de que é que ele gosta e não gosta, para eu não fazer mal as coisas.

— Ele acorda muito cedo — diz o Leon, e ela anota logo.

— E se eu estiver a comer alguma coisa e ele quiser, eu tenho de lhe dar um bocadinho, mas só se for uma coisa que lhe faça bem, porque às vezes é pastilha elástica.

— Nada de pastilha elástica. — Ela anota.

— Ele gosta da Pantera Cor-de-Rosa, só que não percebe o que se está a passar. Mas eu percebo, por isso explico-lhe tudo.

— Pantera Cor-de-Rosa com o Leon — diz ela e anota.

— Ao vesti-lo, se a camisola ficar presa ele zanga-se e desata a chorar, e já não se consegue vestir-lhe mais nada, e é preciso esperar até ele se esquecer. Mas às vezes quando é preciso pô-lo no carrinho, não dá para esperar e é mesmo preciso...

O Leon não sabe se lhe deve contar das vezes em que perde a paciência com o Jake e começa a gritar com ele.

— Dizer-lhe para ele se acalmar?

— Sim — diz o Leon.

— Estou a ver — diz ela e anota «Pestinha».

O Leon conta-lhe tudo. Que para adormecer o Jake é preciso ficar algum tempo a fazer-lhe festinhas na cabeça ou então na bochecha. Que, como o Jake mete tudo à boca e é preciso estar sempre de olho nele, às vezes nem se consegue ver televisão. E que às vezes é muito difícil.

Passado algum tempo, já com duas páginas cheias, a Maureen recosta-se na cadeira.

— Obrigada, meu querido. Foste uma grande ajuda. Posso precisar de te perguntar ainda mais alguma coisa, mas acho que já percebi o principal. Agora gostava que fosses tomar banho, para ver se eu me desenvencilho sozinha com Sua Senhoria.

Tira o Jake da cadeirinha e dá-lhe mais um beijinho.

— Que lindos olhos!

Vira o Jake para o Leon.

— Ele quer agradecer-te, Leon, meu querido. Obrigado por cuidares tão bem de mim. Era o que ele dizia se já soubesse falar.

Vão todos para a casa de banho, e a Maureen deita uma coisa azul na água do banho, e a banheira enche-se de espuma, de tanta espuma que o Leon deixa de ver a água. E ele fica sentado no banho com o Jake a dar gritinhos e gargalhadas, e a Maureen a dizer-lhe os nomes de todas as coisas que estão à vista.




**Um irmão adotado.
Outro deixado para trás.
E o colo de uma família
onde nunca esperaríamos encontrá-lo.**

Leon tem nove anos e um irmão bebé chamado Jake. Os dois vão viver com Maureen, mãe de acolhimento, que tem um estranho cabelo vermelho e uma barriga grande como a do Pai Natal. Maureen é uma mulher de garra que consegue conquistar o difícil coração de Leon. Mas pouco depois chega a terrível notícia: apenas a deixarão ficar com o irmão mais velho.

A tristeza de Leon é agora constante e apenas algumas coisas o fazem sorrir, como os chocolates, andar de bicicleta, enterrar as mãos na terra, sair com um amigo que é parecido com o seu pai e, sobretudo, roubar moedas até ter dinheiro suficiente para que um dia possa resgatar Jake e voltar com ele para a mãe.

**Uma história apaixonante sobre o vínculo inquebrável de dois irmãos.
Uma lição de vida onde se descobre que o caminho para casa
pode ser aquele que menos esperamos.**

**«Um livro de estreia com tanto de sensível
como de provocante.»**
The Guardian

<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8843-74-6  9 789898 843746 Literatura Traduzida</p>
---	--